



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**

MILLA RAYANE FERREIRA DE ARAÚJO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DO
LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO.**

Patu – RN

2025

MILLA RAYANE FERREIRA DE ARAÚJO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DO
LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito de avaliação da disciplina TCC II,
ministrada pela Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti,
do Curso de Letras, no Campus Avançado de
Patu - CAP, da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte - UERN.

Orientadora: Profa. Dra. Antônio Sueli da Silva
Gomes

Linha de Pesquisa: Ensino - Aprendizagem

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catlogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F383v Ferreira de Araújo, Milla Rayane
A variação linguística no ensino de português: uma análise do livro didático do 9 ano. / Milla Rayane Ferreira de Araújo. - Patu, 2025.
26p.

Orientador(a): Profa. Dra. Antônio Sueli da Silva Gomes.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Variação linguística. 2. Ensino de Língua Portuguesa.
3. Diversidade linguística. I. da Silva Gomes, Antônio Sueli.
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MILLA RAYANE FERREIRA DE ARAÚJO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DO
LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito de avaliação da disciplina TCC II,
ministrada pela Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti,
do Curso de Letras, no Campus Avançado de
Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte – UERN.

Aprovado em: 19/11/2025.

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente

ANTONIA SUELI DA SILVA GOMES

Data: 10/12/2025 12:29:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Antonia Sueli da Silva Gomes (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Documento assinado digitalmente

ANIKELE FRUTUOSO

Data: 12/12/2025 20:28:07-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Anikele Frutuoso

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN



Documento assinado digitalmente

SANZIO MIKE CORTEZ DE MEDEIROS

Data: 10/12/2025 16:07:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Sanzio Mike Cortez de Medeiros

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO

LINGUISTIC VARIATION IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: AN ANALYSIS OF THE 9TH GRADE TEXTBOOK

Milla Rayane Ferreira de Araújo¹
Dra. Antônio Sueli da Silva Gomes²

RESUMO

A pesquisa analisa a abordagem da variação linguística no livro didático *Araribá Conecta – Língua Portuguesa – 9º ano*, da Editora Moderna, amplamente utilizado em escolas públicas pelo PNLD. O estudo parte do reconhecimento de que o ensino de português deve ultrapassar a mera transmissão de regras gramaticais, valorizando a diversidade linguística e cultural existente no Brasil. Fundamentado em autores como Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004) e Polizeli (2023), o trabalho destaca que a norma-padrão é apenas uma entre várias formas legítimas de expressão, sendo seu prestígio social resultado de fatores históricos e culturais. A pesquisa, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, utilizou a análise documental e a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), com o objetivo de identificar como o livro representa as variedades linguísticas e se promove reflexões sobre o preconceito linguístico. Os resultados indicam que, embora o material apresente uma proposta pedagógica voltada à valorização da linguagem em uso, ainda há predominância da norma-padrão, o que pode limitar a compreensão dos alunos sobre a legitimidade de outras formas de falar. Observou-se também que a abordagem da oralidade e das variedades regionais ocorre de modo pontual, sem aprofundar discussões críticas sobre diversidade linguística. Conclui-se que o livro didático exerce papel central na formação linguística dos estudantes, devendo ser continuamente analisado e complementado pelo professor para promover um ensino produtivo, que reconheça a pluralidade linguística como parte essencial da identidade e da cidadania dos falantes brasileiros.

Palavras Chaves: Variação linguística; Ensino de Língua Portuguesa; Diversidade linguística

¹ Aluna concluinte do Curso de Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: millarayane@alu.uern.br

² Orientadora da Pesquisa, com experiência em temas como Ensino de Gramática, formação inicial e continuada de professores, Estudos do letramento, dentre outros na área da linguagem. Doutora em Linguística Aplicada pela Unisinos. Professora do Departamento de Letras Vernáculas, UERN-Patu. E-mail: suelisilva@uern.br

ABSTRACT

This research analyzes the approach to linguistic variation in the textbook *Araribá Conecta – Língua Portuguesa – 9º ano*, published by Editora Moderna, widely used in public schools through the PNLD program. The study is based on the recognition that the teaching of Portuguese must go beyond the mere transmission of grammatical rules, valuing the linguistic and cultural diversity present in Brazil. Grounded in authors such as Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), and Polizeli (2023), the work emphasizes that the standard norm is only one among several legitimate forms of expression, its social prestige being the result of historical and cultural factors. This qualitative, exploratory, and descriptive research employed documentary analysis and the content analysis technique proposed by Bardin (2016), aiming to identify how the textbook represents linguistic varieties and whether it encourages reflection on linguistic prejudice. The results indicate that, although the material presents a pedagogical proposal oriented toward valuing language in use, there is still a predominance of the standard norm, which may limit students' understanding of the legitimacy of other forms of speech. It was also observed that the treatment of orality and regional varieties occurs sporadically, without in-depth critical discussion on linguistic diversity. The study concludes that the textbook plays a central role in students' linguistic formation and should be continuously analyzed and complemented by teachers in order to promote inclusive teaching that recognizes linguistic plurality as an essential part of Brazilian speakers' identity and citizenship.

Keywords: Linguistic variation; Portuguese language teaching; Linguistic diversity

1 INTRODUÇÃO

A abordagem da variação linguística no ensino do português é um tema de significativa relevância, pois contribui para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos sobre as diferentes formas de expressão da língua.

Essa abordagem incentiva a valorização da diversidade e da riqueza do português brasileiro, levando em consideração as experiências culturais, sociais e regionais de seus falantes. No contexto educacional, essas pluralidades comunicativas devem ser abordadas para que os alunos possam compreender, respeitar e valorizar a diversidade existente e reconhecer que ela é parte importante de sua identidade social (Lucchesi, 2012).

No Brasil, a diversidade linguística é expressiva, observada tanto nas múltiplas formas do português falado quanto na coexistência com outras línguas originárias. De acordo com informações da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), com base no Censo 2010 do IBGE, foram identificadas 274 línguas indígenas faladas por 305 etnias. Conforme relatório da FUNAI (2022), cerca de 37,4% dos indígenas com cinco anos ou mais utilizam sua língua materna em casa, sendo que esse número chega a 57,3% entre aqueles que vivem em Terras Indígenas. Esses dados revelam a importância de ampliar o olhar para a diversidade linguística existente no país, especialmente no ambiente escolar.

Mesmo assim, é comum que a variante padrão da Língua Portuguesa receba destaque nas práticas educativas, enquanto as demais variedades ocupam um lugar secundário. Tal abordagem pode acabar reforçando preconceitos linguísticos, por não valorizar outras formas legítimas de comunicação. Nesse contexto, Bagno (1999) enfatiza o papel das escolas em reconhecer essa pluralidade linguística e em

desconstruir a ideia de uma língua única e uniforme. Ao considerar as formas linguísticas não padronizadas, torna-se possível construir políticas educacionais mais equitativas e representativas dos grupos historicamente excluídos.

A chamada norma culta é apenas uma das diversas formas de manifestação da língua portuguesa, sendo valorizada principalmente por motivos sociais e históricos, e não por características internas da língua. Seu status de prestígio está relacionado a fatores sociais e culturais que lhe atribuem um certo valor simbólico, e não à existência de uma suposta superioridade gramatical. A norma padrão, por sua vez, não se refere a uma variedade específica, mas é uma construção sociolinguística que visa padronizar o uso da língua de forma homogênea e generalizada (Polizeli, 2023).

O aprendizado da norma-padrão, ou da variedade formal da língua, é um resultado do processo de escolarização, cabendo à escola desenvolver essa competência nos alunos. Entretanto, essa prática com frequência negligencia ou até desvaloriza as formas linguísticas que os estudantes já dominam, oriundas de seus contextos sociais. Embora exista uma variante linguística associada ao prestígio, geralmente ligada à escrita e aos contextos formais, ela é frequentemente colocada como modelo exclusivo pela escola, em detrimento da valorização das outras variedades linguísticas (Soares, 1986).

Ensinar português, portanto, não se limita à transmissão de regras gramaticais. Envolve, sobretudo, promover uma compreensão crítica sobre os diferentes usos da linguagem em variados contextos sociais. Nessa perspectiva, esta pesquisa toma como foco o conteúdo, as atividades e os exemplos presentes no livro *Araribá Conecta* do 9º ano, buscando identificar de que maneira a obra aborda a variação linguística e como apresenta as expressões linguísticas em seus múltiplos contextos de uso.

A didática adotada no ensino da língua está diretamente relacionada às Políticas Linguísticas, que frequentemente se materializam nos materiais didáticos utilizados nas escolas. No caso da coleção *Araribá Conecta*, observa-se uma proposta que valoriza o uso real da linguagem e considera seus aspectos sociais, históricos e culturais. A abordagem ultrapassa a simples descrição normativa e procura desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação a partir de diferentes gêneros discursivos, articulados a temas contemporâneos e às vivências dos estudantes.

Além disso, a coleção estimula o protagonismo juvenil ao adotar uma proposta pedagógica participativa, convidando os alunos a relacionarem suas experiências pessoais aos conteúdos estudados. Nota-se também uma preocupação com a formação integral e com práticas educativas que contemplem a inclusão e o respeito às diversas realidades socioculturais. O ensino da gramática e demais conteúdos linguísticos é organizado de forma sistemática, mas sempre vinculado às práticas reais de uso da língua, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e significativa.

A escolha deste estudo se deu pela necessidade de incentivar um ensino que reconheça e valorize a riqueza da língua brasileira, permitindo aos alunos interagirem de forma crítica e respeitosa com as diferentes formas de representação linguística na realidade social.

Durante a realização do estágio supervisionado com uma turma do 9º ano, observou-se que muitos estudantes demonstravam insegurança ao se expressar, especialmente ao utilizarem variantes diferentes da norma-padrão, acredita-se que por receio de “falar errado”. Essa insegurança estava diretamente relacionada à falta de valorização da variação linguística e seu conhecimento prático, uma vez que

grande parte dos alunos era proveniente da zona rural e possuía em suas práticas de linguagem, modos próprios de expressar suas experiências, algo natural e valioso na comunicação.

No entanto, essas formas de expressão eram frequentemente alvo de piadas ou repreensões por parte de colegas, por não estarem de acordo com a norma culta valorizada nos livros didáticos, o que acabava gerando um ambiente desmotivador e pouco acolhedor.

Essa prática evidencia uma carência significativa de conhecimento sobre a variação linguística, aspecto fundamental para a formação de uma consciência crítica e inclusiva. Os alunos devem entender que a linguagem é viva, dinâmica e diversa, influenciada por fatores sociais, culturais, históricos e geográficos. Todas as formas de falar possuem valor comunicativo e legitimidade em seus contextos de uso.

O livro didático, por ser um dos principais recursos pedagógicos utilizados em sala de aula, exerce um papel central na construção da percepção dos estudantes sobre a língua. A forma como a variação linguística é abordada nesses materiais influencia diretamente a visão dos alunos sobre as diferentes variedades do português e sua aceitação social. Contudo, observa-se que, com frequência, os livros didáticos priorizam exclusivamente a norma-padrão, relegando outras formas linguísticas a um plano inferior, o que pode reforçar estereótipos e desvalorizar a realidade linguística de grande parte dos falantes.

Diante desse contexto, a ideia para esta pesquisa surgiu a partir de observações realizadas durante o estágio, quando percebi a importância da forma como a variação linguística é tratada nos livros didáticos. Essa experiência despertou meu interesse pessoal pelo tema, especialmente por minha trajetória e afinidade com questões relacionadas à diversidade linguística e à valorização das diferentes formas de expressão.

Do ponto de vista acadêmico, sabe-se que os livros didáticos geralmente priorizam a norma-padrão da língua portuguesa, o que pode levar à desvalorização de outras variedades linguísticas. Embora existam estudos sobre variação linguística no ensino de português, ainda se percebe uma lacuna na literatura no que diz respeito à forma como as variantes são apresentadas e trabalhadas nos materiais utilizados em sala de aula, especialmente na coleção *Araribá Conecta*. Assim, esta pesquisa pretende contribuir para esse campo ao realizar uma análise que observa de que modos as variantes linguísticas podem ser ou são incorporadas no manual didático e em que medida tal abordagem favorece o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes.

Socialmente, o estudo é relevante ao destacar o impacto do preconceito linguístico e a insegurança que os alunos podem sentir em relação às suas formas de falar. Além disso, a pesquisa está alinhada a objetivos sociais mais amplos, como a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos linguísticos, bem como a redução das desigualdades educacionais decorrentes da desvalorização das variedades linguísticas presentes na realidade brasileira.

Nesta perspectiva, este trabalho se estrutura a partir de alguns questionamentos centrais, tais como: de que maneira as variedades linguísticas são representadas no livro didático *Araribá Conecta* do 9º ano; qual o impacto dessa representação na valorização da diversidade linguística pelos estudantes; e que políticas linguísticas podem ser identificadas na abordagem adotada pela obra. Esses pontos orientam a análise e permitem compreender como o material didático dialoga com questões contemporâneas relativas ao ensino de língua portuguesa.

Diante do exposto, o objetivo geral do estudo consiste em analisar a representação das variedades linguísticas no livro didático Araribá Conecta do 9º ano do ensino fundamental e como essa abordagem pode influenciar a valorização da diversidade linguística pelos estudantes. Além disso, busca-se alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar as variedades linguísticas nas atividades e conteúdo do livro didático Araribá Conecta (9º ano); verificar se o material didático propõe reflexões sobre o preconceito linguístico e a valorização da diversidade linguística; relacionar a abordagem da variação linguística no livro com os usos sociais da língua em diferentes contextos.

No desenvolvimento da pesquisa em tela, consideramos os estudos de diversos autores, como Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), que discutem a importância de combater o preconceito linguístico nas escolas e de ensinar a língua como uma prática social.

Mais recentemente, estudos como os de Polizeli (2023) mostram que, apesar dos avanços, os livros didáticos ainda dão mais destaque à norma-padrão, deixando de lado outras formas legítimas de linguagem. Por isso, esta pesquisa busca atualizar essa discussão, observando como o livro Araribá Conecta trabalha a variação linguística com os alunos do 9º ano.

A metodologia deste trabalho baseia-se em uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. A estrutura do estudo compreende três seções. O primeiro tópico apresenta a introdução e conceitos fundamentais, o que oferece ao leitor mais clareza sobre a variação linguística.

A segunda seção, intitulada “Pluralidade Linguística e Ensino de Língua Portuguesa: Desafios e Perspectivas no Ensino Fundamental”, apresenta o referencial teórico do estudo e organiza a discussão em quatro eixos. O primeiro trata da variação linguística e da oralidade escolar, destacando como diferentes formas de uso da língua aparecem no cotidiano dos estudantes e podem ser legitimadas no ambiente educacional. O segundo discute o preconceito linguístico, enfatizando seus impactos na identidade e na aprendizagem. Em seguida, o texto aborda as práticas pedagógicas voltadas ao ensino de português, com foco em como a diversidade linguística pode ser incorporada às atividades de sala de aula. Por fim, o último eixo analisa o papel do livro didático na abordagem das variedades linguísticas e na mediação entre teoria e prática.

A terceira seção descreve a metodologia utilizada, detalhando os procedimentos empregados na análise do material didático. Na sequência, a quarta seção apresenta e discute os resultados, relacionando-os ao referencial teórico. A quinta seção reúne as considerações finais, sintetizando as principais conclusões e apontando contribuições do estudo para o debate sobre pluralidade linguística no ensino fundamental.

A pesquisa se mostra relevante para o campo da educação e do ensino de Língua Portuguesa ao examinar se os livros didáticos promovem uma visão mais inclusiva da linguagem. Ao investigar como a variação linguística é tratada, o estudo contribui para o aprimoramento das práticas pedagógicas e para a valorização das diferentes formas de expressão dos alunos.

2 PLURALIDADE LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental envolve desafios que vão além da simples transmissão de regras gramaticais, pois está diretamente relacionado à pluralidade linguística existente no Brasil. A diversidade de formas de falar e escrever, marcada por fatores históricos, sociais e culturais, impõe ao professor a necessidade de refletir sobre como lidar com a variação linguística em sala de aula.

Nesse item, discutimos aqui a valorização da oralidade, o enfrentamento do preconceito linguístico, as práticas pedagógicas voltadas às variedades da língua, considerando-se que o papel do livro didático se torna essencial para a construção de um ensino inclusivo, que respeite a identidade dos estudantes e contribua para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua própria realidade linguística.

2.1 Variação linguística e oralidade na escolar: compreensão e valorização

A língua portuguesa falada no Brasil, com mais de 200 milhões de falantes, constitui um dos maiores sistemas linguísticos do mundo. Embora predominante em um único país, o português brasileiro (PB) abrange um vasto território de mais de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, o que favorece uma ampla diversidade sociolinguística. Mesmo coexistindo com cerca de 190 línguas minoritárias, entre indígenas e de imigração, o PB permanece como a língua oficial e majoritária, o que não impede a ocorrência de uma enorme variedade interna, marcada por aspectos regionais, sociais e situacionais (Carvalho; Bagno, 2017).

Essa diversidade é reconhecida pelos estudos da Sociolinguística, que têm como um de seus fundamentos a compreensão de que a língua varia conforme o contexto em que é utilizada. Para Bortoni-Ricardo (2004) em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. Ou seja, a variação não é um desvio da norma, mas uma característica natural e estruturante das línguas vivas.

Como destaca Bagno (2006), toda língua muda e varia, seja ao longo do tempo, seja no espaço. Esse fenômeno pode ser classificado em diferentes tipos: a variação diacrônica, ligada às mudanças históricas; a variação diatópica, relacionada às diferenças regionais; a variação diastrática, que reflete as diferenças sociais entre os grupos; e a variação diafásica, que depende da situação comunicativa. Exemplos claros são as diferentes denominações de um mesmo item lexical, como “aipim”, “macaxeira” ou “mandioca”, conforme a região do país (Lanini, 2015).

Nesse sentido, o conceito de “língua portuguesa” não deve ser compreendido como algo homogêneo e uniforme, mas como um conjunto de variedades que coexistem e se manifestam em diferentes contextos sociais. Essas variedades não competem entre si; antes, cumprem funções comunicativas distintas conforme as situações de uso. Como observa Bagno (1999), a ideia de uma língua única e homogênea, frequentemente reforçada em certos discursos sociais, não corresponde aos usos reais observados nas práticas comunicativas. Essa reflexão não estabelece oposição entre gramática normativa e usos sociais, mas evidencia que cada dimensão cumpre funções diferentes no ensino e na sociedade.

A autora também destaca que as fronteiras entre as diferentes formas de falar não são fixas, mas fluidas, o que se evidencia especialmente em sociedades marcadas por intensos processos de urbanização. Como ela afirma, no contínuo de

urbanização, não existem fronteiras rígidas que separem os falantes rurais, rurbanos ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares (Bortoni-Ricardo, 2004) Essa percepção é importante para o entendimento da linguagem como prática social, que se adapta aos grupos, regiões e condições específicas.

Para José Luiz Fiorin (2002), compreender a variação implica reconhecer a diversidade como constitutiva da língua e, ao mesmo tempo, identificar o preconceito linguístico que surge da hierarquização entre as variedades. Segundo o autor, é justamente dessa diversidade que emerge a riqueza expressiva da língua, mas também os mecanismos de exclusão social, quando determinadas formas de falar são estigmatizadas.

A Sociolinguística Variacionista, especialmente a partir dos estudos de Labov, tem buscado compreender como fatores sociais, históricos e culturais influenciam a forma como a língua é utilizada. A análise laboviana da centralização dos ditongos na ilha de Martha's Vineyard, por exemplo, mostrou como aspectos identitários e socioeconômicos interferem nos usos linguísticos dos falantes (Lucchesi, 2012).

Outro ponto fundamental é o papel das chamadas comunidades de prática, nas quais a língua é usada para construir e negociar identidades sociais. Battisti (2014) observa que, ao longo dessas interações, as formas linguísticas adquirem valor social, o que pode intensificar ou conter processos de mudança linguística. Tais transformações, no entanto, ainda representam um desafio teórico, especialmente para modelos que tentam conciliar métodos quantitativos com teorias gramaticais mais tradicionais (Lucchesi, 2012).

No contexto escolar, a questão da oralidade assume papel central, pois a fala dos alunos, marcada por diferentes variedades linguísticas, chega à sala de aula carregada de significados sociais e identitários. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), a escola deve reconhecer que a fala cotidiana dos estudantes não é um “erro” a ser corrigido, mas sim um recurso legítimo de comunicação, que precisa ser compreendido e valorizado. Isso não significa abandonar o ensino da norma padrão, mas promover uma mediação pedagógica que possibilite ao aluno transitar entre diferentes registros linguísticos, de acordo com a situação comunicativa.

É importante destacar que, no Manual do Professor da coleção *Araribá Língua Portuguesa*, a oralidade aparece como um eixo fundamental do ensino, em diálogo constante com a leitura, a escrita e a análise linguística. As orientações destacam a importância de incorporar às práticas escolares os diferentes gêneros discursivos e textos multissemióticos típicos da cultura contemporânea, valorizando as formas de expressão dos alunos e promovendo uma aprendizagem significativa.

Assim, o manual reforça a necessidade de que o trabalho com oralidade vá além da simples correção da fala, incentivando o estudante a reconhecer as diferentes variedades linguísticas e a desenvolver a capacidade de adequar seu discurso aos distintos contextos comunicativos. Essa proposta dialoga diretamente com a BNCC, que compreende a oralidade como prática de linguagem indispensável para a formação cidadã e prevê, entre suas competências específicas, o reconhecimento da diversidade linguística como elemento constitutivo das práticas sociais.

Ao enfatizar o respeito às diferentes formas de falar e ao papel da adequação linguística, a BNCC orienta que o ensino de Língua Portuguesa promova tanto o domínio crítico da norma-padrão quanto a valorização das identidades dos falantes. Desse modo, o manual se alinha às diretrizes curriculares ao buscar integrar essas dimensões no trabalho pedagógico.

2.2 Preconceito linguístico e seus impactos na identidade e na aprendizagem

A emergência da Sociolinguística nos Estados Unidos, posteriormente difundida no Brasil, foi decisiva para transformar a forma como as línguas, especialmente a materna, são ensinadas. Essa corrente teórica demonstrou que os modos de falar de grupos historicamente marginalizados não constituem um conjunto de erros, mas sim sistemas linguísticos estruturados e coerentes. O que William Labov identificou no Inglês Vernacular Negro americano foi também observado por estudiosos brasileiros no que diz respeito às variedades regionais e rurais do português (Bortoni-Ricardo, 2004).

Nesse contexto, Stella Maris Bortoni-Ricardo destacou-se ao propor práticas pedagógicas que valorizassem os recursos comunicativos dos falantes em vez de reprimi-los. Para autora, aprender a língua portuguesa na contemporaneidade implica dominar recursos comunicativos, conceito que envolve parâmetros como o grau de dependência contextual, a complexidade temática e a familiaridade com as tarefas comunicativas (Bortoni-Ricardo, 2021). Esse olhar é essencial para compreender os desafios enfrentados por comunidades historicamente excluídas e para evitar o preconceito linguístico em práticas escolares.

Bagno (1999), por sua vez, discute como diversos mitos linguísticos continuam sendo reproduzidos socialmente e, frequentemente, pela própria escola. O autor destaca que ainda persiste a crença de que existe uma única forma correta de falar, de que determinadas variedades regionais seriam superiores a outras ou de que os brasileiros, de modo geral, “falam mal” o português. Esses mitos, segundo ele, impedem o avanço de uma educação linguística mais crítica e contribuem para a inferiorização de grupos cujas formas de fala se afastam da norma-padrão.

Outro ponto crucial na obra de Bagno (1999) é a crítica à chamada “Santíssima Trindade” do preconceito linguístico: a gramática normativa, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Esses três elementos, ao priorizarem a variedade padrão e estigmatizarem outras formas de expressão, sustentam um círculo vicioso de discriminação. Embora os livros didáticos mais recentes tragam menções à diversidade linguística, Bagno observa que isso, muitas vezes, ocorre de forma superficial e com imprecisões terminológicas, especialmente na confusão entre os conceitos de “norma-padrão”³ e “norma culta”⁴.

Além disso, o autor chama atenção para um efeito ainda mais grave do preconceito linguístico: aquele que é internalizado pelos próprios falantes. Bagno (1999) explica que o preconceito se torna especialmente prejudicial quando a pessoa passa a reproduzir contra si mesma as ideias negativas que circulam socialmente sobre sua forma de falar. Assim, muitos brasileiros acabam acreditando que não

³ Norma-padrão: Variedade artificial e altamente monitorada da língua, construída historicamente por gramáticos e instituições de prestígio. É uma referência prescritiva, utilizada principalmente em contextos formais e oficiais (documentos, concursos, textos acadêmicos). Não corresponde a uma prática linguística real de um grupo específico, mas funciona como modelo idealizado de correção.

⁴ Norma culta: Variedade efetivamente utilizada por falantes letrados em situações formais de comunicação. Diferentemente da norma-padrão, é uma prática linguística viva, observável no uso cotidiano de grupos com maior escolaridade. É descritiva, não prescritiva, e pode apresentar variações regionais e sociais.

sabem falar português ou que a variedade utilizada no Brasil seria “errada”, o que revela o alcance simbólico desse tipo de discriminação.

2.3 Práticas pedagógicas no ensino de português e a abordagem das variedades linguísticas

O ensino da Língua Portuguesa no Brasil, historicamente marcado por uma abordagem normativa e prescritiva, tem sido repensado a partir das contribuições da Sociolinguística, especialmente desde a década de 1960. Conforme Lucchesi (2012), o estruturalismo tinha como objetivo principal descrever o sistema linguístico e suas regularidades internas, não se ocupando de explicar fenômenos de variação ou mudança, pois esses aspectos não integravam sua agenda teórica.

A Sociolinguística Variacionista, por sua vez, inaugura um novo objeto de investigação ao considerar a heterogeneidade como constitutiva do funcionamento da língua. A partir dos estudos de William Labov, a variação observada nos usos reais passa a ser tratada como parte integrante da competência dos falantes e como base para compreender os processos de mudança linguística. Nessa perspectiva, língua e sociedade são indissociáveis, e os fatores sociais, históricos e culturais tornam-se fundamentais para a análise do comportamento linguístico.

Assim, a Sociolinguística passa a entender que a variação não é aleatória e pode ser explicada por fatores estruturais e sociais, sendo inclusive a base para o estudo da mudança linguística ao longo do tempo. Essa perspectiva rompe com a ideia de um sistema homogêneo e inalterável e introduz uma nova compreensão da língua como prática social, contextualizada e diversa (Lucchesi, 2012).

Com isso, o foco da Sociolinguística recai sobre a comunidade de fala, ou seja, os sujeitos que utilizam a língua em contextos históricos e sociais específicos. Labov (1982, p. 18) afirma que “o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social”. Desse modo, o conceito de competência linguística é ampliado para incluir as estruturas heterogêneas, o que desfaz a separação rígida entre competência e desempenho. Como aponta Lucchesi (2012), a variação não se limita ao desempenho linguístico, mas compõe também a competência dos falantes monolíngues, sendo, portanto, parte legítima do conhecimento linguístico.

Nesse contexto, a Sociolinguística Educacional, conforme destacam Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo, propõe que o ensino de Língua Portuguesa considere a diversidade linguística como elemento central da prática pedagógica. Segundo as autoras, a metodologia deve levar alunos e professores à reflexão sobre a existência de várias normas na sociedade brasileira, que funcionam como fatores de identificação sociocultural (Ribeiro, 2024).

Além disso, Bortoni-Ricardo (2005, 2021) reforça que aprender Língua Portuguesa na contemporaneidade significa dominar recursos comunicativos, considerando três parâmetros fundamentais: o grau de dependência contextual do evento de fala, a complexidade do tema abordado e a familiaridade com a tarefa comunicativa. Essa perspectiva amplia a compreensão da competência linguística, permitindo uma abordagem inclusiva que valoriza as variedades linguísticas dos alunos e combate o preconceito linguístico tradicionalmente presente na escola.

Para os professores de língua materna, essa mudança de paradigma exige uma revisão profunda das práticas pedagógicas. Há tempos, estudiosos vêm apontando uma crise no ensino da língua portuguesa. Rocco (1981), ao analisar o

desempenho de 1.500 candidatos ao vestibular, identificou uma situação de caos, refletida na baixa qualidade das redações, conforme observa Suassuna (2020).

Diversos autores como Bechara (1985, 1987), Back (1987), Travaglia, Franchi, Luft, Lemos, Ilari, Vieira, Geraldi, Faraco e outros também denunciam a ineficácia do ensino-aprendizagem da língua, revelando a urgência de mudanças no processo pedagógico e no modo como a linguagem é abordada nas escolas (Suassuno, 2020).

A Linguística, enquanto ciência, é relativamente recente, tendo se constituído no século XIX como um estudo histórico. Contudo, os estudos sobre a linguagem remontam à Antiguidade, com contribuições significativas da Índia e da Grécia. Na Índia, as preocupações com a correta interpretação dos Vedas impulsionaram o estudo do certo e do errado na linguagem. Já na Grécia, os estudos linguísticos se desenvolveram com base em reflexões filosóficas, principalmente sobre a relação entre a língua e o mundo, influenciando decisivamente a tradição linguística ocidental (Suassuno, 2020).

Desde os anos 1990, o sistema educacional brasileiro tem sofrido as consequências de reformas promovidas por políticas públicas neoliberais, que frequentemente impõem mudanças por meio de documentos oficiais, sem considerar as reais condições das escolas e dos professores para implementá-las (Geraldi, 2015).

Conforme Geraldi (2015), esse movimento contrasta com o período anterior, especialmente os anos 1980, marcado por uma maior abertura à participação dos educadores na formulação das práticas pedagógicas. A redemocratização, iniciada com a eleição de governadores em 1982, levou ao fortalecimento de ações voltadas à formação continuada de professores e à construção coletiva de alternativas educacionais. Esses esforços buscaram uma educação pública de qualidade e sensível à realidade das escolas, embora seus efeitos tenham sido gradualmente enfraquecidos pelas políticas posteriores.

2.4 O livro didático e a abordagem das variedades linguísticas

O livro didático de Língua Portuguesa ocupa posição central nas políticas públicas educacionais brasileiras e no cotidiano escolar, sendo um recurso pedagógico amplamente utilizado para organizar conteúdos e atividades. Desde sua introdução no Brasil, este material tem despertado interesse de pesquisadores no campo da Linguística Aplicada e da Educação, pois atua como suporte para professores e alunos, ao mesmo tempo que influencia diretamente a forma como o conhecimento linguístico é transmitido e percebido (Bittencourt, 2020).

Historicamente, a produção de livros didáticos no Brasil passou por diferentes momentos: a introdução de modelos estrangeiros, a nacionalização dos conteúdos, a multiplicação de títulos e a internacionalização, acompanhando as políticas de avaliação e distribuição do PNLD. Durante esse processo, surgiram problemas relacionados à qualidade dos livros, incluindo conteúdos desatualizados, preconceitos e erros conceituais. Esses desafios reforçam a necessidade de analisar criticamente o livro didático como recurso pedagógico (Bittencourt, 2023).

Segundo Apolônio e Bessa (2022), embora o livro deva servir de apoio às aulas, ele costuma ser tratado como detentor do conhecimento ou até mesmo como substituto do professor. Os conteúdos apresentados são frequentemente superficiais e descontextualizados em relação à realidade dos alunos, que apresentam diferentes níveis de compreensão, vivências e bagagens culturais. Nesse sentido, o professor deve adaptar e complementar os conteúdos do livro para atender à diversidade

sociocultural da turma, promovendo uma abordagem inclusiva e valorizando as variedades linguísticas presentes no cotidiano dos estudantes.

A obra de Ingedore Koch, Bentes e Cavalcante (2008) oferece contribuições importantes para a análise do livro didático. Os autores enfatizam a importância da coesão, do contexto e da intertextualidade, entendendo que a produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento de outros textos pelos interlocutores. Essa perspectiva permite avaliar como o livro didático reproduz ou negligencia intertextos que refletem a diversidade linguística, orientando o leitor de forma muitas vezes normativa e padronizada.

Diante disso, é essencial que o professor mantenha uma postura crítica e avaliativa sobre o modo como o material aborda a variação linguística, pois esse recurso influencia diretamente no processo comunicativo e na construção de sentidos pelos alunos. Ao analisar de forma constante os conteúdos, o docente pode identificar possíveis lacunas, estereótipos ou reducionismos presentes no material, evitando que o livro seja visto como fonte única e absoluta de conhecimento.

Essa postura favorece uma prática pedagógica mais inclusiva e produtiva, em que a pluralidade de usos da língua é valorizada, contribuindo para que os estudantes reconheçam a legitimidade de suas próprias formas de expressão e desenvolvam maior consciência crítica acerca da linguagem.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é do tipo exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, cujo objetivo é analisar como a variação linguística é abordada no livro didático Araribá Conecta – Língua Portuguesa – 9º ano, da Editora Moderna. O objeto de estudo é o material didático destinado ao ensino fundamental, amplamente utilizado em escolas públicas brasileiras, sobretudo por sua distribuição pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Esse livro tem como público-alvo estudantes do 9º ano do ensino fundamental e visa proporcionar a aprendizagem da língua portuguesa, seguindo as diretrizes curriculares nacionais.

O livro Araribá Conecta é objeto significativo para esta pesquisa porque, por meio de suas seções, atividades, textos e imagens, pode influenciar diretamente a percepção dos alunos sobre as variedades linguísticas presentes no Brasil. Além disso, como ferramenta pedagógica oficial, ele representa um importante instrumento das políticas públicas educacionais, o que reforça a relevância do seu exame crítico no que se refere à valorização ou desvalorização da diversidade linguística.

Para analisar o conteúdo, foi empregada a análise documental como técnica principal, a partir do corpus constituído pelo próprio livro didático. Conforme Lima Junior (2021), a análise documental permite compreender os significados, valores e atitudes expressos em registros textuais, o que torna essa técnica adequada para investigar o discurso pedagógico sobre variação linguística.

A análise foi orientada pelos pressupostos da análise de conteúdo, segundo Bardin (2016), que possibilita uma interpretação sistemática e objetiva das mensagens, buscando identificar categorias temáticas, ideológicas e discursivas relacionadas à variação linguística. Foram examinadas especificamente as seções, atividades e materiais textuais do livro que tratam direta ou indiretamente desse tema.

O papel do pesquisador é interpretativo e reflexivo, assumindo uma postura crítica diante dos dados, buscando não apenas identificar conteúdos explícitos, mas também analisar as implicações ideológicas e pedagógicas que permeiam o material didático.

Para fundamentar teoricamente a análise, esta pesquisa apoia-se em autores da sociolinguística crítica e do ensino de língua materna, como Bagno (1999) e Bortoni-Ricardo (2004), que discutem o preconceito linguístico e as ideologias normativas no espaço escolar. Também são referências Garcia Reis *et al.* (2009) que abordam práticas pedagógicas relacionadas à diversidade linguística. Além disso, contribuições de Görski e Coelho (2009) sobre ensino de gramática e variação linguística, Soares (1986) sobre o papel social da linguagem, e Polizeli (2023), que analisa materiais mediadores segundo o Currículo Paulista, enriquecem o embasamento teórico.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) foi utilizada como referência normativa central para analisar o alinhamento do livro às diretrizes que orientam o ensino de Língua Portuguesa. Além de estabelecer competências e habilidades para o componente curricular, a BNCC enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar a pluralidade linguística presente no Brasil, incorporando-a às práticas de leitura, escrita e oralidade. Dessa forma, sua presença como parâmetro torna-se fundamental para verificar se o material didático não apenas menciona a diversidade linguística, mas efetivamente a integra como princípio pedagógico.

O material empírico foi organizado por meio de fichamentos, categorização temática e registros escritos que subsidiarão a análise crítica dos discursos encontrados. As referências bibliográficas foram ampliadas ao longo da pesquisa devido à necessidade de aprofundamento teórico.

De modo específico, esta pesquisa delimitou como foco de análise a seção “Marcas da oralidade” da Unidade 3, bem como conteúdos complementares dos “Conhecimentos linguísticos e gramaticais” presentes na mesma unidade. Essa escolha se justifica porque a oralidade constitui um dos principais espaços de manifestação da variação linguística, e, portanto, possibilita verificar se o livro didático reconhece e valoriza a diversidade de usos da língua.

A análise será conduzida a partir de três critérios principais. O primeiro consiste em observar se os textos e exemplos presentes nas seções do livro evidenciam a pluralidade da língua portuguesa, especialmente em situações de oralidade. O segundo critério refere-se ao exame das atividades propostas, verificando se elas se limitam ao reforço da norma culta ou se promovem uma reflexão crítica sobre as variedades linguísticas. Por fim, o terceiro critério envolve a avaliação do grau de alinhamento entre as atividades, suas orientações pedagógicas e as competências e habilidades previstas pela BNCC no que se refere à oralidade e à valorização da diversidade linguística.

A definição das categorias de análise justifica-se por seu alinhamento às competências e habilidades da BNCC (2018) para o 9º ano, que orientam o trabalho com a língua como prática social, valorizando a oralidade, a diversidade linguística. Assim, observar a pluralidade da língua, analisar a natureza das atividades e verificar o alinhamento do material didático à BNCC é fundamental para avaliar se o livro didático contribui para formar alunos críticos e conscientes quanto às variedades do português. A tabela 1 apresenta as competências e habilidades da BNCC (2018).

Tabela 1 - Competências e habilidades da BNCC (2018).

CÓDIGO	RESUMO
EF69LP01	Diferença entre opinião e discurso de ódio
EF69LP02	Análise de peças publicitárias
EF69LP03	Identificação de informações principais em textos jornalísticos

EF69LP05	Interpretação de humor/crítica em tirinhas e memes
EF69LP06	Produção de notícias, vídeos, podcasts

4 ANÁLISE DA ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

A análise da Unidade 3 do livro Araribá Conecta – Língua Portuguesa, 9º ano evidencia um trabalho sistemático com as variedades linguísticas, em especial no que se refere à oralidade e às marcas de informalidade.

Figura 1 - Capa do Livro analisado



Fonte: Moderna (2022).

Logo no início, o material orienta os estudantes a não confundirem oralidade com informalidade, chamando a atenção para o fato de que nem todas as marcas de oralidade correspondem a usos informais. Um exemplo apresentado é o das reticências: embora seu uso possa transmitir a ideia de suspensão do pensamento, não constitui obrigatoriamente marca de linguagem informal, mas sim de oralidade.

Essa preocupação em diferenciar oralidade de informalidade dialoga com a crítica feita por Soares (1986), ao afirmar que a escola, historicamente, tem valorizado a norma culta como modelo “certo”, tratando as variedades populares como “erradas” ou “deficientes”. Nesse sentido, ao destacar que nem toda oralidade é informal, o livro sinaliza um avanço em relação à concepção excludente da língua, pois possibilita que os alunos compreendam a diversidade de usos linguísticos sem necessariamente associá-los ao erro.

Essa distinção é reforçada em atividades que exploram tirinhas e crônicas, nas quais a caracterização de personagens se dá pelo emprego de vocabulário típico da modalidade oral informal, especialmente no caso de adolescentes, como mostrado na Figura 2.

Figura 2 – Tirinha com a modalidade oral informal



Fonte: Moderna (2022, p. 106).

Ao propor questões que abordem a moralidade oral informal, como na figura 2, o material aproxima-se do que Garcia-Reis (2009) defende ao tratar da variação linguística no ensino: a necessidade de valorizar as diferentes variedades do português, reconhecendo-as como legítimas e pertencentes ao repertório cultural dos alunos. Dessa forma, o uso da oralidade na caracterização de personagens contribui para que os estudantes percebam a língua como um fenômeno vivo e plural, superando a visão de que apenas o padrão deve ser ensinado na escola.

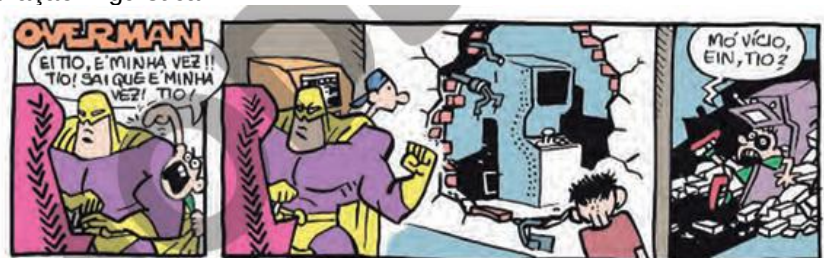
Nas propostas de leitura e análise, o livro busca mostrar como, ao retratar situações cotidianas de informalidade, os autores reproduzem na escrita características próprias da fala. Assim, os estudantes são convidados a identificar marcas da oralidade, como interjeições, por exemplo, “ué” e “ah, é?”, e expressões que sugerem surpresa ou naturalidade, além de construções que aproximam o texto escrito da fala espontânea. A crônica “Lixo” é um dos textos utilizados para esse exercício, permitindo que os alunos percebam como a intenção do autor, ao preservar essas marcas, é garantir maior verossimilhança às interações entre personagens.

Essa análise relaciona-se diretamente ao primeiro critério definido na metodologia, que consiste em observar se os textos e exemplos apresentados refletem a pluralidade da língua portuguesa em contextos de oralidade, evidenciando que o material didático propicia o reconhecimento das diferentes formas de uso da língua no cotidiano.

Bagno (1999) contribui para essa discussão ao apontar que o mito da homogeneidade linguística no Brasil mascara a realidade de profundas diferenças sociais refletidas na língua.

Ao trazer atividades que explicitam a variação (Figura 3), entendemos que o objetivo é estimular o reconhecimento de diferentes registros. Porém, consideramos que a prática pedagógica que o livro Araribá Conecta intenciona promover ainda pode ser considerada superficial, visto que as atividades propostas não possibilitam ao aluno uma análise mais aprofundada do uso das expressões que caracterizam a diversidade linguística do português brasileiro.

Figura 3– Variação linguística



LAERTE. Overman. Folha de S.Paulo, São Paulo, 5 fev. 1998. Ilustrada, p. 6.

- a. No primeiro quadrinho, o rapaz chama Overman de tio. Ele é mesmo seu tio? Justifique sua resposta.
- b. A sátira é uma forma de crítica que recorre a um modelo já existente e dele extrai o humor. Considere as ações de Overman nos dois últimos quadrinhos e explique por que podemos dizer que o autor faz uma sátira aos super-heróis.
- c. No último quadrinho, temos dois exemplos de expressões típicas da linguagem oral. Identifique-as.

6. c) O uso da expressão **mó**, no lugar de "maior", e de **ein**, variação de "hein/hem".

Fonte: Moderna (2022, p. 106).

Ademais, o material didático sugere a leitura integral de obras literárias, como *Capitães da Areia*, a fim de ampliar a observação das marcas de oralidade em diferentes contextos e refletir sobre seus efeitos de sentido. Em paralelo, orienta a realização de discussões em grupo, incentivando os estudantes a compartilharem suas percepções sobre como tais recursos contribuem para a construção da naturalidade e para a aproximação com o leitor. A mediação do professor, nessas discussões, pode mobilizar a percepção do aluno para as nuances da língua que não estão explícitas nas atividades, como observado anteriormente.

Essa proposta encontra eco nas reflexões de Polizeli (2023), que observa como o ensino de língua portuguesa ainda carece de um debate consistente sobre variação linguística, já que, muitas vezes, há uma ênfase desproporcional em outros temas (como estrangeirismos), deixando de lado aspectos fundamentais das variedades internas do português. Ao propor a leitura de obras que exploram a oralidade e promover discussões coletivas, o livro avança na direção de integrar diferentes vozes e registros à prática escolar.

Além do enfoque na oralidade, a unidade abrange conteúdos gramaticais relacionados às diferenças entre a norma-padrão e a variedade coloquial (figura 4) esse sentido, são abordados o emprego do pronome pessoal oblíquo como marca de informalidade, a regência verbal e nominal e as orações subordinadas substantivas objetivas diretas e completivas nominais.

Figura 4 – Atividades gramaticais

2. Na variedade brasileira da língua portuguesa, os pronomes **ele(s)** e **ela(s)**, na função de objeto direto da 3ª pessoa, são mais frequentes na linguagem informal oral ou escrita. Os pronomes pessoais oblíquos **o(s)** e **a(s)** aparecem em usos mais formais e, mais frequentemente, na linguagem escrita.

Agora, observe o emprego do pronome na função de objeto direto quando se refere à pessoa com quem se fala. Leia um exemplo na tirinha que segue.



SCHULZ, Charles M. *Ninguém gosta de mim*. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 92.

- a. Snoopy escreve uma carta de amor, mas Charlie Brown não sabe para quem e lhe pergunta. A resposta de Snoopy é a esperada? Justifique sua resposta.
- b. Quando Snoopy escreve “**Amo você** mais do que as palavras podem dizer.”, ele emprega o pronome **você** como objeto direto do verbo **amar**. O pronome **você** poderia ser substituído nesse contexto pelo pronome pessoal oblíquo **a**. Em seu caderno, escreva a frase fazendo essa substituição.
- c. Outra possibilidade é usar o pronome **te** para substituir **você**. Escreva a frase novamente em seu caderno fazendo essa substituição.
3. Na variedade brasileira da língua portuguesa, temos, portanto, as seguintes formas para expressar o pronome de 2ª pessoa como objeto direto de um verbo transitivo direto:

Amo você.	Amo-a.	A amo.	Amo-te.	Te amo.
-----------	--------	--------	---------	---------

- ▲ Que formas são mais utilizadas na linguagem informal? 3. **Amo você e Te amo.**

Podemos dizer que, para substituir o pronome **você**, a ocorrência mais frequente no português brasileiro é sua substituição pelo pronome **te**, quando utilizada a linguagem informal.

Fonte: Moderna (2022, p. 118).

A crônica “O gato sou eu”, de Fernando Sabino, é utilizada como base para discutir o uso de pronomes na função de objeto, destacando-se a coexistência entre formas da norma-padrão (o/a) e da variedade coloquial (ele/ela). Essa abordagem reforça a necessidade de analisar o português em sua diversidade, sem deixar de apresentar as prescrições da gramática normativa.

Essa coexistência entre formas da norma-padrão e da variedade coloquial reflete o que Bortoni-Ricardo (2005) denomina dialetologia urbana: a necessidade de compreender as práticas linguísticas em seu contexto social e histórico, sem importar metodologias de outros cenários, mas ajustando-as à realidade brasileira. Assim, ao reconhecer o uso real da língua em contraste com a norma, o livro oferece aos alunos uma oportunidade de refletir criticamente sobre a variação e o papel das normas.

No campo da regência verbal, o livro explora verbos transitivos indiretos, como “referir-se” e “insistir”, bem como transitivos diretos e indiretos, como “associar” e “atribuir”, com o objetivo de evidenciar o comportamento das preposições na norma-padrão. Ao mesmo tempo, propõe reflexões sobre o uso efetivo do português brasileiro, marcado por disparidades em relação às regras prescritas, como ocorre com verbos do tipo preferir, assistir, obedecer e desobedecer.

Também é apresentada a questão da omissão de preposições em construções completivas nominais no português brasileiro, exemplificada em frases como “Não há a menor dúvida que o gato sou eu”.

Esse enfoque dialoga com Soares (1986), que já denunciava como a escola, ao tratar a diversidade como erro, contribuía para a marginalização cultural de alunos das camadas populares. No caso do Araribá Conecta, percebe-se um esforço de ir além dessa visão, ao problematizar usos efetivos da língua e colocar em debate a distância entre norma e prática, reconhecendo a legitimidade de ambas.

Outro aspecto importante tratado pela unidade é a distinção entre usos próximos que frequentemente geram dúvidas entre os falantes, como *senão/se não*, *afim/a fim* e o uso do verbo *haver* em expressões de tempo passado em contraste com a preposição *a* para tempo futuro ou distância. Esses conteúdos são trabalhados de maneira contextualizada, sempre associados a exemplos retirados de textos ou atividades práticas.

Desse modo, a obra articula o ensino gramatical à perspectiva da variação, o que vai ao encontro da crítica de Bagno (1999) ao purismo linguístico e à ideia de uma língua “correta” única, vinculada ao português europeu. Ao tratar das distinções gramaticais de forma contextualizada, o material evidencia que a norma culta brasileira se consolidou em bases próprias e que, portanto, o ensino deve considerar essa realidade.

No que diz respeito à produção textual, o livro estimula a criação de gêneros que exploram a oralidade, a exemplo da resenha em formato de vlog literário e da crônica de humor. O termo *vlog* (abreviação de *video blog*) refere-se a um tipo de produção digital em que o autor se expressa por meio de vídeos publicados em plataformas virtuais, geralmente com linguagem mais espontânea e próxima da fala cotidiana. Essa proposta favorece o desenvolvimento da oralidade e a reflexão sobre as diferentes formas de uso da língua em contextos multimodais e contemporâneos.

Figura 5 – Atividades sobre vlog literário e da crônica de humor.

Oralidade

Resenha para vlog literário

Durante muito tempo, a grande maioria das sugestões e resenhas de livros circulava no formato escrito em jornais e revistas impressos e, mais recentemente, na internet. Atualmente, porém, produções escritas têm dividido espaço com outro meio de produção, cada vez mais popular, principalmente entre jovens: os *vlogs* literários. São canais de internet, sobretudo dentro de *sites* de compartilhamento de vídeos, nos quais leitoras e leitores, especializados ou não, dão dicas e produzem resenhas em formato audiovisual.

Agora chegou a sua vez de produzir uma resenha em vídeo sobre uma crônica de humor de sua preferência. Essa é uma oportunidade de mobilizar os conhecimentos que você adquiriu sobre a crônica de humor, exercitar a linguagem oral e estimular a prática da leitura ao divulgar o seu vídeo.

■ Planejamento

Etapa 1: Escolha e leitura atenta da crônica de humor

1. Pesquise crônicas de humor em livros, jornais, *sites*, ou revistas e escolha uma de sua preferência. Recorra a algumas indicações de leitura feitas ao longo desta Unidade ou busque outras.
2. Escolha a crônica de humor, faça uma leitura atenta do texto, considerando os seguintes aspectos:
 - ▲ **autoria e dados técnicos:** quem é o(a) autor(a) da crônica, onde e quando ela foi publicada;
 - ▲ **estrutura:** a crônica é narrativa, lírica (expressa sentimentos e sensações do narrador em 1ª pessoa) ou argumentativa (defende ideias)?
 - ▲ **personagens:** quantas são e quem são elas; qual é a relação entre elas; identificação de personagem(ns) principal(is) e secundária(s);



FLADRON/REUTERS/PHOTOS GETTY IMAGES

Resenha

A resenha é um gênero textual que apresenta informações e comentários sobre produtos culturais (livros, CDs, peças teatrais, filmes, exposições etc.). Ela costuma apresentar duas partes: *sinopse* (informações sobre o produto, como dados técnicos, resumo etc.) e *opinião* (avaliação sustentada por meio de argumentos).

Fonte: Moderna (2022, p. 125).

A proposta da resenha em vídeo permite que os estudantes mobilizem conhecimentos sobre a crônica, exercitem a linguagem oral e experimentem novas formas de interação discursiva próprias do ambiente digital. Já a atividade de produção de uma crônica de humor, inspirada em uma notícia real, instiga a observação crítica de situações sociais, utilizando o humor como estratégia narrativa. Em ambas as propostas, fica evidente a valorização da oralidade como recurso expressivo e como ferramenta de aprendizagem.

Esse tipo de proposta dialoga com Garcia-Reis (2009), quando o autor destaca a importância de reconhecer os diferentes domínios sociais da fala (família, amigos e escola) como ambientes de formação linguística. Ao estimular os estudantes a explorar gêneros digitais e humorísticos, o material amplia a noção de oralidade para além da sala de aula, conectando-a a práticas discursivas efetivas de seu cotidiano.

De modo geral, os resultados da análise revelam que o *Araribá Conecta* procura equilibrar a apresentação das regras da norma-padrão com a valorização da diversidade linguística, oferecendo aos estudantes atividades de leitura, reflexão e produção que destacam tanto os aspectos formais quanto os usos cotidianos da língua. Ao integrar discussões sobre oralidade, informalidade e norma culta, o material favorece uma compreensão mais ampla do funcionamento da língua portuguesa e de suas diferentes variedades.

Essa postura se afasta da perspectiva denunciada por Soares (1986), em que a escola apenas reproduz padrões das classes dominantes e marginaliza as demais variedades, e se aproxima da defesa de Bagno (1999) e Bortoni-Ricardo (2005) sobre a necessidade de compreender a pluralidade linguística brasileira de maneira crítica. Ainda assim, como lembra Polizeli (2023), o desafio permanece: garantir que as práticas escolares não apenas reconheçam, mas efetivamente incorporem a diversidade linguística como fundamento para o ensino de língua portuguesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como a variação linguística é abordada no livro didático *Araribá Conecta – Língua Portuguesa – 9º ano*, da Editora Moderna, distribuído pelo PNLD. Por se tratar de um material amplamente utilizado em escolas públicas brasileiras, sua análise mostrou-se relevante não apenas por seu alcance pedagógico, mas também pelo papel que desempenha na formação linguística e social dos estudantes.

Os resultados evidenciaram que o livro busca equilibrar a valorização da diversidade linguística com o ensino da norma-padrão nas seções voltadas para a oralidade. Essa proposta aproxima-se das diretrizes da BNCC (2018), ao destacar a língua como prática social e incentivar reflexões sobre os múltiplos usos do português.

Ao identificar as variedades linguísticas presentes nas atividades e conteúdo do livro, observou-se que, embora haja menções à diversidade da língua, essas aparecem de maneira pontual e sem aprofundamento. No que diz respeito à verificação de reflexões sobre o preconceito linguístico e a valorização da diversidade, constatou-se que o material ainda apresenta lacunas, pois as discussões são superficiais e não promovem um debate crítico sobre a legitimidade das diferentes formas de falar.

Por fim, ao relacionar a abordagem da variação linguística no livro com os usos sociais da língua em diferentes contextos, percebeu-se que o material ainda privilegia a norma-padrão, limitando a representação das práticas linguísticas reais e cotidianas dos falantes brasileiros.

Assim, conclui-se que, apesar de o livro didático *Araribá Conecta* apresentar uma proposta alinhada aos princípios da BNCC e reconhecer a importância da pluralidade linguística, sua aplicação prática ainda é restrita. A superficialidade dos exemplos e a ausência de representatividade de falares regionais, indígenas, afro-brasileiros e periféricos indicam que a pluralidade da língua, embora mencionada, permanece invisibilizada no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, observa-se a manutenção da centralidade da norma-padrão, o que pode reforçar práticas de preconceito linguístico e limitar a construção de uma consciência crítica nos estudantes.

Esses resultados dialogam com as reflexões de Bagno (1999; 2006) e Bortoni-Ricardo (2005), que defendem uma pedagogia da variação linguística capaz de legitimar as diferentes formas de expressão do português brasileiro, contribuindo para uma educação linguística mais inclusiva, crítica e coerente com a realidade sociocultural dos alunos.

Além disso, este estudo contribui para que professores de Língua Portuguesa atentem para a importância de trabalhar a valorização das variantes linguísticas presentes entre seus alunos, promovendo práticas pedagógicas que reconheçam e respeitem a diversidade linguística do país. Como perspectiva para pesquisas futuras, sugere-se o desenvolvimento de propostas didáticas que explorem a variação linguística a partir dos usos linguísticos observados nos discursos das redes sociais, associando-os aos recursos digitais. Tal abordagem pode favorecer o reconhecimento e a valorização das diferentes formas de falar, ampliando o olhar crítico dos estudantes sobre a língua como um instrumento vivo, dinâmico e socialmente significativo.

REFERÊNCIAS

- APOLÔNIO, Jakelyne Santos; BESSA, José Cezinaldo Rocha. A produção de sentidos sobre o livro didático e o ensino de língua portuguesa: uma análise discursiva de produções científicas nacionais. **Travessias**, v. 16, n. 3, p. 12, 2022.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49 ed. São Paulo. Edições Loyola. 1999.
- Bagno, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística** / Marcos Bagno, 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATTISTI, Elisa *et al.* Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 5, n. 9, p. 1-29, 2007.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgar Blucher, p. 79-98, 2014.
- BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de/t/e/d/no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. **Diadorim: revista de estudos lingüísticos e literários**. Rio de Janeiro. N. 8, p. 103-123, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. Momentos do livro didático brasileiro. **ABRELIVROS. A história do livro didático brasileiro**. São Paulo: Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares, 2020.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; GIASSI, Reginaldo Paulo. Livros didáticos e o Ensino de História: Percursos. **Revista Tempo e Argumento**, v. 15, n. 38, p. 1-21, 2023.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. Parábola Ed., 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português Brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. Raízes sociolinguísticas do analfabetismo no Brasil. **Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, v. 2, n. 4, p. 215-234, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SILVA, Kleber Aparecido da. Sociolinguística educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 22, n. 1, p. 219-231, 2022.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa. A contribuição da teoria da argumentação**. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CARVALHO, Orlene Lucia de S.; BAGNO, Marcos. Variação linguística e ensino: 'nós' e 'a gente' em livros didáticos de português brasileiro como língua estrangeira. **Revista de Estudios Portugueses y Brasileños**, v. 15, p. 25-39, 2017.

FIORIN, José Luiz. Revista Alfa: um texto da cultura lingüística brasileira. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 46, 2002.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (FUNAI). **Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GARCIA REIS, Andreia Rezende et al., Variação linguística e ensino de língua portuguesa: considerações sobre a prática da linguagem em sala de aula. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, 2009.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa-e a Base Nacional Comum Curricular. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 17, 2015.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. Cortez, 2008.

LANINI, Janaína de Souza. Variação Linguística. **Revista de Villegagnon**, 2015

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**. São Paulo. 1978, v. 41, n. 2, p. 793-805, 2012.

MODERNA (Org.). **Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2022.

POLIZELI, Renata. Norma culta, norma-padrão e variedade linguística nos mediadores curriculares produzidos a partir do Currículo Paulista. **Entretexos**, v. 23, n. 3, p. 49-69, 2023.

REIS, Andreia Rezende Garcia et al., Variação linguística e ensino de língua portuguesa: considerações sobre a prática da linguagem em sala de aula. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, 2009.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. Variação linguística na escola, de Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 31, n. 62, p. 392-397, 2024.

SANTOS SOBRINHA, Cecília Souza Santos; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula?. **Anagrama**, v. 4, n. 4, p. 1-10, 2011.

SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. In: **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 1986.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Papyrus Editora, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e serenidade em todos os momentos desta caminhada. Foi a fé que me sustentou diante dos desafios e me inspirou a seguir com determinação até a conclusão deste trabalho.

Ao meu esposo, Lukas, agradeço por todo o amor, paciência e compreensão. Sua presença constante foi fundamental para que eu mantivesse o equilíbrio e a motivação ao longo do processo. Cada palavra de apoio e cada gesto de carinho foram essenciais para que eu acreditasse na minha capacidade de chegar até aqui.

À minha mãe, que sempre acreditou em mim e me ensinou o valor do esforço, da honestidade e da perseverança. Seu exemplo de dedicação e coragem é a base de tudo o que conquistei. Sou imensamente grata por seu apoio incondicional e por estar ao meu lado em todas as etapas da minha vida.

À minha orientadora, professora Sueli, registro minha profunda gratidão pela paciência, pelo acompanhamento atento e pelas valiosas orientações que tanto contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Sua dedicação, incentivo e sabedoria foram fundamentais para que este artigo se concretizasse com qualidade e significado.

Agradeço também às minhas colegas da faculdade, pela parceria, amizade e incentivo. As trocas de conhecimento, as conversas, os momentos de descontração e o companheirismo tornaram esta jornada acadêmica mais leve e enriquecedora.